



ENTREVISTA COM ECOLINGUISTAS

Ecolinguística em um Contexto Internacional: Uma Entrevista com Arran Stibbe.

Por Guowen Huang, Universidade Agrícola do Sul da China (flshgw@scau.edu.cn)

Introdução

Recentemente, tem havido um crescente interesse pelo estudo de questões ecolinguísticas na China; e estudiosos chineses abordam a área de muitas perspectivas diferentes, incluindo a ecologia da linguagem, análise ecológica do discurso e estudos de eco-tradução. Como esperado, o livro recém-publicado *Ecolinguistics: language, ecology and the stories we live by* (Routledge, 2015) de Arran Stibbe está se tornando popular na China e sua tradução em chinês será publicada pela Foreign Language Teaching and Research Press ainda este ano (2016). Nesse contexto, uma revista dedicada à ecologia na China, *Journal of Poyang Lake*, deve ter uma coluna especial em uma próxima edição sobre a pesquisa de Arran em ecolinguística.

Eu (Guowen Huang) estou dirigindo o projeto que traduz o livro de Arran e produzindo a coluna especial para *Journal of Poyang Lake*. Sou Diretor do Centro de Ecolinguística da South China Agricultural University (SCAU), China, bem como reitor da Faculdade de Estudos Estrangeiros da SCAU. Eu já desenvolvi uma quantidade significativa de pesquisas em linguística sistêmico-funcional e tenho ensinado e pesquisado ecolinguística a partir da perspectiva da análise ecológica do discurso. Estou organizando o primeiro simpósio sobre ecolinguística na China, a ser realizado de 25 a 27 de novembro de 2016 na SCAU, em Guangzhou, evento que já conta com mais de 200 resumos/participantes, incluindo mais de 30 acadêmicos ecolinguísticos de fora da China.

Este trabalho consiste em uma entrevista com Arran Stibbe. As perguntas e respostas da entrevista dizem respeito a questões de ecolinguística em geral e estudos ecolinguísticos em um contexto internacional. Arran é professor de linguística ecológica na Universidade de Gloucestershire, Reino Unido, autor de *Ecolinguistics: language, ecology and the stories we live by* (Routledge, 2015), *Animals Erased: discourse, ecology and reconnection with nature* (Wesleyan University Press, 2012) e organizador de *The Handbook of Sustainability Literacy* (Green Books, 2009). Ele tem formação tanto em linguística quanto em ecologia humana, e ministra uma variedade de cursos, incluindo ecolinguística, ecocrítica, ética e linguagem, comunicação para liderança, análise do discurso e linguagem e identidade.

A entrevista

-Guowen: Obrigado por aceitar o convite para esta entrevista.

-Arran: Obrigado, fiquei feliz com o convite. Gostaria de parabenizá-lo pelo excelente trabalho que você está realizando para levar a ecolinguística para a China e seu trabalho anterior com linguística sistêmico-funcional. Acho que você está desempenhando um importante papel no desenvolvimento da ecolinguística como uma disciplina internacional capaz de se haver com alguns dos desafios que a humanidade está enfrentando.

-Guowen: Sim. Como você eu reconheço a importância da ecolinguística e estou fazendo o que posso para promovê-la.

-Guowen: Começando as perguntas, entendo que você se formou em diferentes universidades em ecologia humana, linguística, processamento da fala e de linguagem natural bem como engenharia de sistemas por computador. Eu creio que essa bagagem o ajude muito a lidar com questões ecolinguísticas. Na verdade, não há muitas pessoas na área que tenham tido a sorte de ter conhecimento e metodologia de pesquisa nessas áreas. Portanto, minha pergunta é: como uma pessoa que só foi treinada em linguística pode se sair bem nos estudos ecolinguísticos?

-Arran: É um problema porque nossas instituições educacionais são muito segregadas em disciplinas distintas. Acho que os ecolinguistas têm um papel importante a desempenhar, fornecendo uma ponte entre os especialistas em linguagem e os especialistas em ecologia. Já fiz palestras para cientistas ambientais, cientistas veterinários, ecologistas e especialistas em estudos animais, nas quais mostrei a importância da dimensão linguística em seu trabalho e apontei para um conjunto de ferramentas que podem usar para analisar a linguagem. Também dei palestras para linguistas e especialistas em estudos de mídia, arte, estudos culturais e literatura, nas quais me concentrei nas questões ecológicas que a humanidade enfrenta e como a análise crítica de palavras e imagens pode ajudar a resolver essas questões. Eu próprio tenho cuidado com o tipo de linguagem que uso; por exemplo, quando estou me dirigindo a um público de não linguistas, falo sobre as 'histórias da vida cotidiana' em vez de 'discursos hegemônicos'. E quando estou com linguistas, falo sobre os 'sistemas naturais dos quais dependemos para nossa sobrevivência', em vez de 'provedores ecossistêmicos de serviços'. Em meu livro de ecolinguística, tentei manter um equilíbrio a fim de que pudesse ser atraente para ecologistas e linguistas sem que nenhum dos grupos se sentisse privilegiado.

Em geral, há um grande problema devido ao fato de os departamentos universitários se especializarem separadamente em ecologia, linguística, sociologia ou psicologia, enquanto as questões que enfrentamos hoje têm dimensões psicológicas, sociais, linguísticas e ecológicas entrelaçadas. Os ecolinguistas precisam estudar diferentes áreas da vida por conta própria e usar sua perspectiva multidisciplinar para apresentar aos outros formas mais integradoras de analisar o mundo.

-Guowen: Por falar em integração, em seus escritos posso ver que você aceita pressupostos teóricos da linguística cognitiva, linguística sistêmico-funcional, análise crítica do discurso e outras abordagens para o estudo das ciências sociais em geral e dos estudos da linguagem em particular. Isso significa que você acredita que não se pode fazer ecolinguística adequadamente dentro de um único arcabouço teórico? Você prefere uma abordagem integradora? Você acha que a ecolinguística deve ser estudada reunindo diferentes pressupostos teóricos e metodologias?

-Arran: Eu acho que a linguagem é complexa e multifacetada e há pesquisadores que se concentraram em áreas específicas para um estudo aprofundado. Existem teorias detalhadas

em estudos de metáfora, enquadre, avaliação, modalidade, movimentos de conversação, retórica e gramática, para citar apenas alguns. Cada um pode ser útil dependendo de que dados estão sendo examinados e para qual propósito; às vezes é útil combinar teorias compatíveis.

O que tento fazer é reunir as abordagens mais úteis em uma caixa de ferramentas prática baseado em uma perspectiva teórica consistente. Portanto, no livro *Ecolinguistics*, o arcabouço é baseado em *histórias* que existem nas mentes dos indivíduos (ou seja, são esquemas cognitivos). Elas são também compartilhadas em uma sociedade onde se tornam *histórias com as quais convivemos* (ou seja, cognição social). As histórias se manifestam em padrões particulares de escolhas linguísticas (ou seja, discursos). E o mais importante, elas têm um impacto na forma como tratamos o mundo. Em poucas palavras, eu diria que a teoria é: 'As histórias influenciam a forma como pensamos, falamos e agimos e, para abordar as questões ecológicas, precisamos mudar as histórias pelas quais vivemos'. Eu adaptei teorias de identidade, avaliação, facticidade, modalidade e apagamento para caber dentro desta estrutura geral e, no futuro, pode ser que eu incorpore na estrutura outras maneiras de analisar a linguagem, por exemplo, análise narrativa.

Portanto, de modo geral, eu diria que a ecolinguística pode se basear nas teorias linguísticas mais úteis e reuni-las, adaptando-as se necessário, para formar um arcabouço teoricamente consistente com ferramentas eficazes na prática. Para um estudo específico, um arcabouço teórico como a gramática sistêmico-funcional poderia ser aplicado de maneira útil e apropriada, mas eu gostaria de ver a ecolinguística em geral se beneficiando dos estudos mais úteis e detalhados de todos os aspectos da linguagem.

-Guowen: Embora muitos ecolinguistas entendam que não são apenas os humanos cujo bem-estar e vidas estão sendo ameaçados em grande número, mas também os animais, que são mantidos em condições desumanas e abatidos aos bilhões, você acha que é igualmente importante chamar a atenção das pessoas para melhorar a vida de humanos e animais ou um é mais importante do que o outro?

-Arran: Com certeza. Minha própria filosofia ecológica pessoal (ecosofia) é que o bem-estar humano é um imperativo ético. O objetivo é melhorar o bem-estar dos humanos e de outros seres vivos de forma a proteger os sistemas ecológicos dos quais todos dependemos. De uma perspectiva pragmática, as políticas que prejudicam os humanos provavelmente não serão aceitas de qualquer maneira, então o caminho mais eficaz é aquele que beneficia as pessoas, outras espécies e os sistemas dos quais a vida depende. Reconheço, no entanto, que existem outras filosofias ecológicas. Para alguns, apenas os interesses humanos importam e o meio ambiente é importante apenas para fornecer recursos aos humanos e absorver resíduos. Para outros, o dano e o sofrimento que os humanos infligirem uns aos outros e a outras criaturas são tão devastadores que seria melhor trabalhar por um mundo sem nós, humanos. Acho que cada ecolinguista precisa abordar seu objeto de estudo usando sua própria ecosofia individual para julgar as histórias pelas quais vivemos.

-Guowen: Você acha que a ecolinguística está se tornando mais reconhecida na linguística de ponta?

-Arran: Em 2004, quando comecei a *Ecolinguistics Association* (na época chamada de 'Centre for Language and Ecology') havia cinco membros, incluindo eu próprio. Acabei de verificar que agora (2016) temos 420 membros de países de todo o mundo. Ainda não são muitos, mas estão aumentando o tempo todo. Alguns anos atrás, fui convidado a escrever um capítulo sobre ecolinguística para o *Blackwell Handbook of Language and*

Globalization, depois para *Contemporary Critical Discourse Studies*, da Bloomsbury, para *The International Encyclopedia of Language and Social Interaction* e, em seguida, para *Routledge Handbook of Critical Discourse Analysis*. Além disso, a revista *Critical Discourse Studies* também me convidou para escrever um artigo especial sobre ecolinguística. Todas elas são publicações de prestígio. Curiosamente, a apresentação principal de Isabela e Norman Fairclough na conferência CADAAD no mês passado foi sobre *fracking*. Eu posso ver um reconhecimento crescente dentro da linguística dominante de que as questões ecológicas são importantes para o futuro da vida na terra e têm uma dimensão linguística que pode ser analisada. Eu espero que daqui a alguns anos não seja mais necessário ter uma subdisciplina ‘ecolinguística’ porque todos os linguistas de ponta verão os humanos como inseridos nas sociedades e no mundo natural mais amplo.

-Guowen: Eu li seu artigo (em coautoria com Richard Alexander, 2014), mas, mesmo assim gostaria de fazer duas perguntas: Quais são as principais diferenças entre a análise crítica do discurso e a análise ecológica do discurso? E qual é o papel da análise de discurso positiva na ecolinguística?

-Arran: A análise de discurso crítica tende a se concentrar na opressão de um grupo de humanos por outro grupo de humanos. Ao analisar textos, os analistas esperam revelar os mecanismos linguísticos de opressão para que o grupo oprimido possa resistir. A ecolinguística vai além e examina as relações não apenas entre grupos de humanos, mas também entre os humanos e o mundo mais que humano. Portanto, concentra-se em uma gama mais ampla de grupos 'oprimidos', incluindo humanos, animais, futuras gerações de humanos e animais, plantas, florestas e os sistemas ecológicos mais amplos dos quais toda a vida depende para sobreviver. Na ecolinguística, as ideologias são julgadas não apenas por critérios sociais, mas por critérios ecológicos (uma ecosofia).

Parte do papel da ecolinguística é resistir às histórias que sustentam uma sociedade desigual e ecologicamente destrutiva, mas uma parte igualmente importante é a busca por novas histórias com que conviver. A análise do discurso positiva envolve olhar para as culturas ao redor do mundo em busca de formas positivas de linguagem que estimulem o respeito e o cuidado com o mundo natural.

-Guowen: Você pode dar alguns exemplos de análise de discurso positiva para ilustrar isso?

-Arran: Quando eu estava trabalhando no Japão, percebi que a cultura tradicional japonesa tem ideias sobre as relações humanas com a natureza que podem ser muito úteis para lidar com a alienação e separação contemporâneas do mundo natural. Analisei a poesia haikai para descobrir as técnicas linguísticas que comunicavam histórias muito diferentes do ambientalismo ocidental ou dos documentários sobre a natureza. Por exemplo, havia maneiras de usar a linguagem no haikai que sugerem atenção e cuidado para com a natureza comum - um sapo ou uma flor à beira da estrada, por exemplo. Isso é muito diferente do ambientalismo, que vê o mundo em termos de recursos para exploração humana, ou de documentários sobre a natureza que elogiam apenas grandes aspectos dramáticos da natureza que as pessoas dificilmente encontrarão em suas vidas cotidianas. Também analisei a animação japonesa, revelando as histórias que ela conta com sutileza por meio do uso da linguagem e das imagens, e apontei como elas podem ser úteis na educação ambiental. Desde então, analisei a literatura sobre a natureza no Reino Unido (o gênero *New Nature Writing*) e os discursos dos índios americanos, sempre procurando maneiras positivas de falar sobre o mundo que forneçam novas histórias para pelas quais viver. Um exemplo bem conhecido é o seguinte, atribuído ao Chefe Seattle:

A humanidade não teceu a teia da vida. Nós não passamos de um fio dentro dela. O que quer que fizermos nessa teia, fazemo-lo a nós mesmos. Todas as coisas estão ligadas. Todas as coisas se conectam.

Essa metáfora mostra a história de que os humanos são parte da natureza e dependem dela para sobreviver, o que é uma importante história alternativa para uma cultura que vê a natureza como uma máquina ou recurso separado dos humanos.

Outra coisa que fiz e que é completamente diferente foi analisar discursos econômicos positivos, como a felicidade nacional bruta no Butão ou o discurso da New Economics Foundation. Estou procurando alternativas para a história mais comum e perigosa de todas, a de que o crescimento econômico é o objetivo principal da sociedade. Por meio da pesquisa, estou descobrindo maneiras úteis de usar a linguagem que contam diferentes histórias sobre o objetivo da sociedade. É um tipo de pesquisa mais interessante e gratificante para fazer ou ler - gostaria que houvesse mais dela!

-Guowen: Em seu livro de 2015 (*Ecolinguistics: language, ecology and the stories we live by*), você delineou e ilustrou o conceito de ecosofia e afirmou que diferentes ecolinguistas terão suas próprias ecosofias que usam para analisar histórias e linguagem. Como os ecolinguistas de diferentes lugares do mundo, com ideologias diferentes, podem compartilhar os pressupostos e princípios gerais na pesquisa de questões ecolinguísticas?

-Arran: Na minha visão da ecolinguística, os ecolinguistas usam a análise linguística para revelar histórias dominantes, julgar essas histórias de acordo com sua própria ecosofia e contribuir para a busca de novas histórias para viver. É claro, pesquisadores em diferentes partes do mundo (ou na mesma parte!) têm ecosofias diferentes, mas todos estão envolvidos no mesmo esforço ecolinguístico de julgar discursos contra princípios ecológicos. Não há garantia de que uma determinada ecosofia será útil, mas a razão pela qual eu promovo a ecolinguística é que acho que temos mais probabilidade de proteger os sistemas ecológicos dos quais a vida depende *se os levamos em consideração em nossa análise*.

-Guowen: Há cerca de 18 anos, Alwin Fill (1998) identificou duas abordagens para o estudo da ecolinguística (ou seja, a abordagem de Haugen e a abordagem de Halliday). Que abordagens atuais da ecolinguística você diria que existem?

-Arran: Eu diria que há um número crescente de formas de investigação acadêmica que se autodenominam 'ecolinguística', mas que às vezes são completamente diferentes, em vez de serem 'abordagens' da mesma coisa. Alguns estão preocupados principalmente com a preservação de línguas raras (na analogia de que línguas raras são como espécies raras); alguns estão preocupados com melhorar o ensino de línguas (na analogia de que o ambiente linguístico dos alunos é como um ambiente natural). Depois, há abordagens que seguem Halliday e se preocupam com os sistemas ecológicos dos quais a vida depende e com o impacto que a linguagem tem sobre esses sistemas. Minha abordagem segue claramente Halliday. Tem havido tentativas de mostrar algum tipo de semelhança entre as diferentes formas de ecolinguística; por exemplo, que salvar línguas raras pode beneficiar a biodiversidade por causa do conhecimento ecológico embutido nas línguas. Mas, para mim, se um estudo é apenas sobre aprendizagem de línguas, contato com a língua ou como salvar uma língua em particular, e não menciona o mundo mais do que humano, então é um trabalho de sociolinguística ao invés de ecolinguística.

-Guowen: O que então você diria que é a essência da 'ecolinguística'?

-Arran: Para mim, o *insight* central da ecolinguística é que os humanos vivem não apenas dentro das sociedades, mas também dentro dos ecossistemas maiores que são necessários para sua existência. Eu diria que nos primeiros momentos, a linguística chomskyana se concentrou na linguagem no cérebro, mas negligenciou o fato de que os humanos existem dentro das sociedades. A sociolinguística apareceu e reconheceu a incorporação social dos humanos, mas negligenciou a incorporação ecológica das sociedades. A ecolinguística reconhece que as sociedades humanas fazem parte de ecossistemas mais amplos e mostra o impacto que a linguagem pode ter nesses ecossistemas, por meio de sua influência no comportamento humano. Isso é importante, pois nossa sobrevivência depende de como tratamos os ecossistemas dos quais fazemos parte. Também é mais preciso considerar os humanos como parte dos sistemas que sustentam nossas vidas minuto a minuto, em vez de tentar artificialmente considerar os humanos isoladamente. A ecolinguística tem o potencial de chamar a atenção para essa incorporação ecológica vital da mesma forma que a ecopsicologia, o ecocriticismo, a comunicação ambiental e o ecofeminismo fazem em outras áreas.

-Guowen: Eu sei que sua direção atual é no sentido de aplicar a ecolinguística além do mundo acadêmico de maneiras que envolvam diretamente professores, crianças, cientistas e cidadãos. Você pode nos contar o que você fez (ou tem feito) nesse sentido?

-Arran: Isso é essencial, pois para mim o principal objetivo da ecolinguística é fazer uma diferença real para o mundo, em vez de apenas compartilhar ideias acadêmicas com outros acadêmicos. Isso é algo que eu quero fazer mais no futuro, mas já fiz algumas coisas.

Em primeiro lugar, como mencionei, dei palestras para cientistas ambientais, cientistas veterinários e ecologistas sobre o uso da linguagem de maneiras que podem encorajar as pessoas a respeitar e cuidar do mundo natural. Mais especificamente, participei de um grupo de trabalho do PNUMA sobre avaliações de ecossistemas. Já critiquei a linguagem das avaliações de ecossistemas no passado por tratar o mundo natural como um estoque de recursos, em vez de encontrar qualquer valor nele. Portanto, fiquei satisfeito por estar em uma posição em que poderia trabalhar diretamente com os redatores dos relatórios para influenciar o discurso (ou pelo menos tentar).

Em segundo lugar, há o treinamento prático em comunicação para liderança que ofereço aos meus alunos, onde trabalho em estreita colaboração com eles na expressão de uma visão ética e na comunicação de formas que desafiem as histórias que vivemos e abram caminhos para novas histórias. Recentemente, dei uma palestra para funcionários de uma empresa educacional, usando a ecolinguística para ajudá-los a refletir sobre os rumos e a estratégia de comunicação de sua empresa. Vale a pena citar o retorno que eles deram depois:

O workshop de meio dia para nossa organização foi baseado no trabalho e na pesquisa do Dr. Stibbe sobre ecolinguística. A apresentação foi acessível, positiva e estimulante. O impacto na equipe foi predominantemente uma mudança significativa na atitude em relação ao uso da linguagem, bem como a obtenção de uma visão mais profunda de como qualquer narrativa inclui um mundo de significados. A pesquisa que o Dr. Stibbe fez ao longo dos anos, tão apropriadamente representada em sua noção de 'as histórias pelas quais vivemos', representa uma nova perspectiva sobre a linguagem. Depois do workshop com Dr. Stibbe nossa equipe de comunicação e os envolvidos nas consequências externas em particular aplicaram ativamente uma abordagem mais consciente para a criação de narrativas

autênticas. Em nossa linha de trabalho, a comunicação, precisão e transparência são vitais. Só por essa razão, estou verdadeiramente grato ao Dr. Stibbe por compartilhar a pesquisa e as boas práticas com nossa organização.

Tenho trabalhado também em um projeto da União Europeia que está criando materiais para professores usarem em toda a Europa para integrar a educação para a sustentabilidade em suas aulas. Isso é empolgante porque os materiais que estou produzindo apresentam a ecolinguística aos alunos e professores, mas fazem isso por meio de uma narrativa pessoal no campo em todos os climas e protegendo áreas verdes locais do desenvolvimento. Quanto a mim, estou usando a ecolinguística para ajudar a moldar como estou escrevendo sobre o mundo natural (por exemplo, tornando a natureza comum vívida por meio de palavras e fotografias), ao mesmo tempo que introduzo os alunos nos princípios da ecolinguística.

-Guowen: Como seu livro *Ecolinguistics: language, ecology and the stories we live by* foi traduzido para o chinês e publicado na China, o que você gostaria de dizer aos leitores chineses de ecolinguística?

-Arran: Eu diria que as questões ecológicas na China são de grande importância, tanto dentro do país quanto para o mundo. A China já tirou um número significativo de pessoas da pobreza e há muitos mais para tirar. No entanto, e ao mesmo tempo, o país sofreu com a poluição e os efeitos das mudanças climáticas devido à rápida industrialização. A China precisará encontrar caminhos de desenvolvimento que sejam decididamente diferentes dos caminhos poluentes, exploradores e, em última análise, insustentáveis dos países industriais ocidentais. Vejo que há um desejo real de fazer isso na China e tudo depende das histórias que sustentam a sociedade. A ecolinguística, como forma de examinar as histórias pelas quais vivemos e contribuir para novas histórias a serem vividas, tem o potencial de fazer a diferença. O que é particularmente empolgante sobre a ecolinguística na China é que a cultura tradicional chinesa (por exemplo, taoísmo, budismo chan e confucionismo) pode ser uma fonte de novas histórias para se viver. Eu encorajo fortemente os ecolinguistas chineses a 'cavar onde estão' e reviver formas tradicionais de pensar e falar sobre o mundo natural, adaptando-as para se ajustarem às condições atuais do mundo que enfrentamos.

-Guowen: Você poderia dar alguns exemplos de ideias tradicionais chinesas que podem ser úteis?

-Arran: Bem, há o princípio de *wu wei* (não ação) no taoísmo que é tão belamente explicado por Zhuangzi; os ciclos e equilíbrio dos elementos; os escritores e pintores Shan Shui; os textos de Mengzi sobre confucionismo; e algumas ideias maravilhosas (e formas de expressão) do *Dao De Jing*. Encontrei muitos textos inspiradores quando estava fazendo meu doutorado, que exploravam metáforas de saúde e doença na cultura ocidental e chinesa. Naquela época, comparei as metáforas ocidentais de luta contra uma doença com as metáforas chinesas de restauração do equilíbrio e da harmonia, algo que também é relevante para as questões ecológicas.

-Guowen: Você fala chinês?

-Arran: Não, infelizmente. Trabalhei com traduções e explicações de falantes nativos, embora mais tarde tenha aprendido a falar japonês e feito pesquisas sobre as formas japonesas de representar o mundo natural.

-Guowen: Há cerca de 12 anos, você fundou o Centre for Language and Ecology, que mais tarde se tornou a Ecolinguistics Association. Como você vai fortalecer essa associação em termos de infraestrutura de estudos ecolinguísticos em todo o mundo? A associação se tornará uma organização em um futuro próximo, cujo comitê terá o papel de organizar conferências internacionais e lidar com outras questões relevantes?

-Arran: A Ecolinguistics Association conta com uma revista *online*, *Language & Ecology*, uma bibliografia ecolinguística e uma lista de mala direta para anúncios e consultas sobre ecolinguística. É gratuito e administrado por voluntários. O número de membros tem aumentado constantemente ao longo dos anos e chega a 420 (em 2016). Recentemente, temos visto um aumento no número de artigos submetidos à revista, o que sem dúvida se deve à editora Amy Free, que está fazendo um trabalho maravilhoso. Espero que no futuro haja mais artigos de alta qualidade e, com sorte, passar para uma revista totalmente parecerada por pares e indexada.

O que teve início recentemente foram os Círculos de Ecolinguística - pequenos grupos locais de pesquisadores e estudantes realizando reuniões para discutir ecolinguística e tendo seus próprios *blogs* para compartilhar ideias. Espero que mais grupos sejam formados e compartilhem seus *blogs* com a Associação. Atualmente, as conferências internacionais são organizadas pela universidade onde estão sendo realizadas e anunciadas no *site* da Ecolinguistics Association. Com o tempo, à medida que o número de sócios aumentar e houver mais voluntários para contribuir com a associação, poderemos tentar desempenhar um papel mais proeminente, mas vejo isso como um aumento em vez de um salto repentino. Nesse ínterim, se alguém quiser criar organizações que possam contribuir para a promoção da ecolinguística internacionalmente, a Associação terá o prazer de cooperar e compartilhar recursos. Também espero que a Associação seja parceira na realização de um curso *online* de ecolinguística com vídeos ilustrando todos os principais aspectos da ecolinguística.

-Guowen: Alguma observação final?

-Arran: Eu gostaria apenas de desejar sucesso em seus esforços para levar a ecolinguística à China e espero que outras pessoas que estejam lendo isso em outras partes do mundo possam fazer algo semelhante. Obrigado por perguntas tão interessantes e instigantes!

-Guowen: Muito obrigado.

Traduzido do inglês por Ubirajara Moreira Fernandes.